

CERÂMICA NA ESCOLA - TÉCNICAS DE AZULEJARIA

JOAN SEGAL LEAL DA COSTA *

O azulejo, reconhecido como uma expressão artística do povo Português, está hoje a sofrer uma renovada popularidade e interesse da parte de artistas, críticos e do público em geral. Os apreciadores, nacionais e estrangeiros, atribuem aos azulejos o seu justo valor histórico e artístico. Nem sempre foi assim:

Os Portugueses, familiarizados desde o século XVI com a decoração azulejar, não só a aceitaram inicialmente com aplauso, como passaram depois a encará-la como verdadeira fatalidade, intimamente ligada à própria construção religiosa e profana. O emprego sistemático do azulejo na ornamentação de templos, palácios ou simples moradias - particularmente nos séculos XVII e XVIII - e, mais tarde, a extensão do seu emprego à cobertura de fachadas, quase insensibilizou o público perante o espectáculo artístico, levando mesmo a desprezar por demasiadamente corrente o seu autêntico significado decorativo. (J.M. dos Santos, 1990. Prefácio)

O azulejo teve as suas origens na Espanha do séc. XV, onde foi desenvolvido como uma resposta às dificuldades inerentes ao emprego de mosaicos decorativos. A utilização de mosaicos no revestimento decorativo de pavimentos e paredes remonta ao século V. a.c., pois

encontravam-se na forma de pequenos painéis nos pavimentos de templos Gregos e, um século mais tarde, os chãos das casas ricas tinham quadros de temas mitológicos, feitos de mosaico. Os pavimentos Romanos decorados com mosaicos, baseados nos exemplos gregos tornaram-se muito populares no século I a.c., não só em Roma como em todo o Império. Estes mosaicos pavimentares variavam entre simples desenhos geométricos e grandes representações pictóricas. As grandes obras da Arte Bizantina são o exemplo de um grande apuramento do mosaico. O ponto culminante da arte mosaica foi atingido na decoração das paredes e tectos das igrejas medievais. A utilização de mosaicos como forma decorativa arquitectónica foi largamente substituída pelos frescos. Mas em Espanha, sob a influência muçulmana, os pavimentos das grandes construções, dos séculos XIII até XV, continuavam a ser revestidos de mosaicos

Este processo por ser demorado requeria mão-de-obra altamente especializada. Placas grandes de barro cozido foram vidradas e depois o ladrilhador, seguindo um desenho num cartão, cortava a placa em pedaços pequenos com um alicate e assentava-os no chão. A exportação destes pavimentos era quase impossível. Foi no século XV, que o azulejo apareceu como resposta a este pro-

* Docente da ESE de Beja

blema. Estes primeiros azulejos eram quadrados de barro cozidos que, depois eram vidrados com esquemas geométricos em unidades de padrões repetitivos, evocadoras dos mosaicos mudéjares. Estes quadrados de barro simplificaram, imensamente, o processo de revestimento e decoração. A exportação tornou-se uma realidade e o uso do azulejo para revestimento decorativo, não só de pavimentos mas também de paredes e em alguns casos de tectos, espalhou-se pelo mundo, perdendo no entanto na maioria dos países o seu valor artístico.

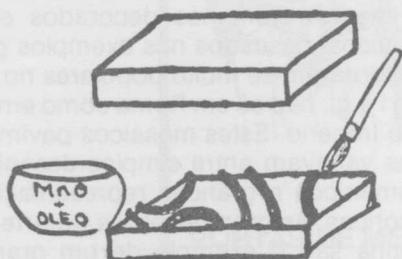
A evolução técnica acompanhou a necessidade de produção de grandes quantidades de azulejos iguais. A primeira técnica usada no século XV era de corda seca simples. Um desenho era marcado em cima duma placa de barro cozido liso, depois para evitar a fusão das cores durante a cozedura os contornos do desenho eram pintados com uma mistura de óxido de manganês e óleo. São estes os traços, que depois de secas parecem linhas negras em relevo e que dão o nome de corda seca ao processo.

CORDA SECA

Ladrilho cozido e corto

Desenho traçado

A



Contornos pintados com $MnO + \text{Óleo}$, para formar barreiras separadoras

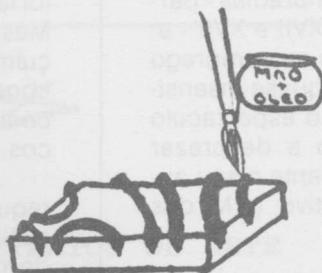


Espaço pintados com vidrado + óxido (cores)

B



Desenho impresso no ladrilho de barro cru



sulcos cheios com $MnO + \text{Óleo}$ para formar barreiras separadoras

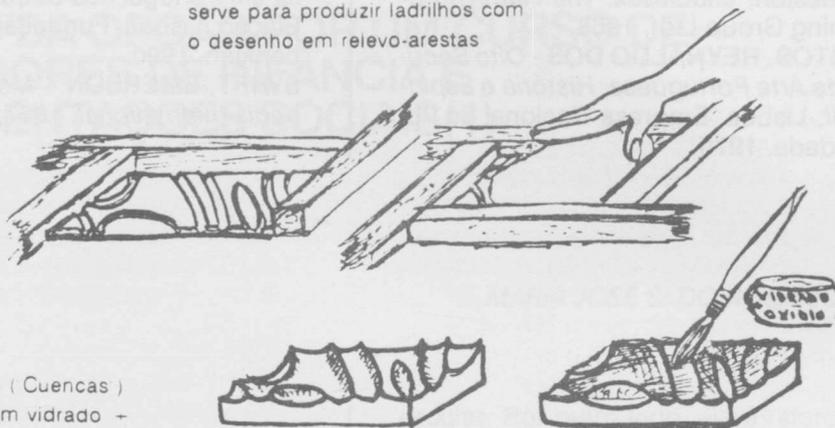
Esta ainda não era uma solução inteiramente satisfatória, dada a necessidade dos desenhos serem traçados à mão nas placas de barro. O passo seguinte seria o uso de moldes de madeira ou de metal com o desenho feito em relevo para imprimir no barro cru, antes da primeira cozedura. A seguir a placa cozida era

tratada exactamente da mesma maneira como antes, enchendo com manganês os contornos já impressos no barro. Estes processo chama-se corda seca fendida.

No fim do século XV apareceu mais uma inovação, conhecida como a aresta.

ARESTAS

Molde com desenho gravado
serve para produzir ladrilhos com
o desenho em relevo-arestas



Depressões (Cuencas)
pintadas com vidrado +
óxido

Neste processo, o desenho é gravado num molde e o barro é comprimido dentro dele, formando os contornos do desenho de barro em relevo, que são as arestas. Os espaços entre as arestas formam depressões ou conchas, que em espanhol, se chamam 'cuencas', outro nome dado a esta técnica. As duas técnicas foram usadas simultaneamente, e às vezes, no mesmo azulejo. Também se encontram azulejos de arestas pintadas com manganês, ou seja de técnica mista. Os azulejos de relevo são variações destas técnicas, e foram fabricados ao longo do século XVI.

Na Itália, durante o século XV, começou a ser feita a experiência da pintura sobre um fundo branco. Uma camada de vidrado à base de estanho era pintado com uma mistura deste mesmo vidrado com óxidos metálicos. Este processo, chamado Majólica foi introduzido em Portugal no séc. XVI, e continua a ser, ainda hoje, o processo utilizado para pintar azulejos à mão. O produtor de quadros de azulejos, deixa de ser ceramista para ser considerado pintor.

Não me parece que nos deva preocupar a controvérsia existente sobre o lugar e a data precisa em que foram produzidos os primeiros azulejos Portugueses. Temos o azulejo decorativo e ex-

pressivo que foi adoptado pelos artistas e povo português e que se tornou assim, familiar as artes portuguesas. O nosso interesse aqui é de tornar acessível a técnica da pintura do azulejo e ajudar a manter viva esta arte, procurando melhorar e salvaguardar a sua qualidade artística. Isto contribuirá também para facilitar a compreensão e apreciação dos numerosos painéis e frisos de azulejos que nos rodeiam.

BIBLIOGRAFIA

FOURNIER, ROBERT - *Illustrated Dictionary of Practical Pottery*, New York: Van Nostrand Reinhold Co., 1977.

HOME, RUTH - *Ceramics for The Potter*, Peoria: Chas. A. Bennett Co., Inc., 1953.

MECO, JOSE - "Azulejos de Lisboa", *Catálogo*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1984.

Idem. *O Azulejo em Portugal*, Lisboa: Publicações Alfa, 1988.

MESTRE, JOAQUIM FIGUEIRA - *Azulejaria de Beja*.

MITCHELL, LANE - *Ceramics: Stone Age to Space Age*, Wash. D. C.: National Science Teachers Association, 1963.

World Ceramics, Edited by Robert J. Charleston; Middlesex: The Hamlyn Publishing Group Ltd., 1968.

SANTOS, REYNALDO DOS - *Oito Séculos de Arte Portuguesa, História e Espírito, III*; Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1970.

SIMÕES, J. M. DOS SANTOS - *Azulejaria em Portugal nos Séculos XV e XVI*, 2ª Edição; Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

SWIFT, EMERSON - "Mosaic", *Encyclopedia International*, 1967.



EQUIPAMENTOS DE PRECISÃO LDA.

FIRMA ESPECIALIZADA À MAIS DE 30 ANOS NOS SEGUINTE RAMOS:

- DESENHO
- TOPOGRAFIA-GEODESIA
- INSTRUMENTOS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
- EQUIPAMENTOS PARA ESCOLAS SECUNDÁRIAS
- INSTITUTOS
- UNIVERSIDADES E FORMAÇÃO PROFISSIONAL
- MATERIAL AGROTÉCNICO

PRINCIPAIS MARCAS:
NEOLT, TOPCON - G. BOSCH - LOVIBOND - P. HARRIS - SWIFT - WYLER, etc

CONSULTEM-NOS

SEDE: Av Columbano Bordalo Pinheiro, 57-A 1000 LISBOA Telex: 726 20 39 \ 726 20 72
Av. da Boavista 80, 5ª, sala 39 - 4000 PORTO Telex: 69 90 92
Telex 65 342 Fax 726 26 86